
Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, versão 2.0. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Dias atrás, entre a cada vez mais freqüente correspondência comercial recebida, encontrei uma comunicação de uma conhecida editora carioca. Devo confessar que ao abri-la, por uns instantes, minha expectativa foi quase esperança... Um pequeno livreto vermelho anunciava no alto, “Lançamento da Imago Editora” e abaixo, “Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, versão 2.0”. Três anos atrás já havia adquirido, da mesma editora, uma edição eletrônica por isso, em se tratando de um novo lançamento, minha esperança. A mesma dizia respeito a, finalmente, termos uma nova versão das obras de Sigmund Freud em português. Entretanto, abrindo o livreto promocional logo soube: tratava-se da mesma versão sob um novo sistema de controle e pesquisa; uma nova interface gráfica, “agora com efeitos sonoros”, anunciava o folheto. Mas, por que a rápida esperança e a anunciada

decepção? Para explicar isto é preciso retomarmos um pouco a saga do nosso Freud, quer dizer, nosso Freud em português.

Em 1976, sob a direção técnica de Jayme Salomão — Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, pertencente à *International Psychoanalytic Association* —, a editora Imago anunciava o aparecimento da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*, em 24 volumes. Nela encontrávamos no volume XI, num prefácio, as seguintes palavras de Anna Freud, “Esta nova edição em português substitui uma anterior, malgrado, que saiu de circulação. Sobre esta, apresenta a imensa vantagem de ser não apenas completa, mas uma tradução *direta do texto original em alemão* (o destaque em itálico é nosso), sem que se utilizasse qualquer tradução intermediária.” Vários pareciam ser os motivos para estarmos contentes, a própria Anna Freud saudava este empreendimento intelectual e, o mais importante, tratava-se de uma tradução direta do alemão. Mas, como veremos, tratou-se de uma meia verdade que lida com a má-fé editorial: somente o primeiro artigo desse volume — *Cinco Li-*

ções de *Psicanálise* (1910) — é uma tradução direta do alemão; na nota do editor deste trabalho encontramos, “A presente tradução brasileira, diretamente do alemão, é da autoria de Durval Marcondes (Professor de Psicologia Clínica da Universidade de S. Paulo e Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise) e de J. Barbosa Corrêa (Professor de Clínica Médica da Escola Paulista de Medicina). Feita para a Companhia Editora Nacional, data de 1931.” Mas, já no segundo texto desse volume encontramos — em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*, (1910) — o seguinte, “A presente tradução é da autoria de Walderedo Ismael de Oliveira (Professor Adjunto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro)”. Enquanto o primeiro texto desse volume fazia referência a uma “tradução direta do alemão”, o segundo já não inclui essa distinção: sabemos que todos os outros textos desse volume e de todos os outros vinte e três volumes correspondem a traduções da tradução inglesa coordenada por James Strachey, a famosa *The Standard Edition of The Complete Psychological Works of*

*Sigmund Freud*¹; quer dizer, a saudada edição — por Anna Freud — traduzida diretamente do alemão se restringe a um só artigo. Assim, nosso Freud transformou-se na tradução de uma tradução.

Anos depois, em 1982, a publicação do livro de Bruno Bettelheim, *Freud and Man's Soul*, reavivou para alguns e difundiu para muitos — depois de sua publicação no Brasil em 1984 — uma séria discussão acerca das transformações que sofreu o texto alemão de S. Freud nas mãos dos tradutores ingleses coordenados e apadrinhados por Ernest Jones. Uma das principais críticas de B. Bettelheim, e paradigmática do sentido que orientou a tradução inglesa, diz respeito à opção de traduzir o *Seele* — *alma* em alemão — por *mind* — *mente*² —; tendo em conta que para S. Freud *Seele* era equivalente da *psyché* grega, teríamos *tratamento psíquico* e não *tratamento mental* como finalmente nos chegou. Muito se falou e se fala das diferenças entre o texto original e a tradução inglesa. Além das questões técnicas como a invenção de neologismos — como, por exemplo, *catexia* do grego *catèchein*, em lugar de *investimento* do alemão de uso corriqueiro *Besetzung* ou *parapraxia*

por *ato falho* ou *realização falha* do alemão *Fehlleistung* — e a substituição de palavras de uso corrente no alemão por expressões eruditas ou de pouco uso — como por exemplo a opção de inventar *Ego*, *Id* e *Superego* para expressões como *Ich*, *Es* e *Überich*, respectivamente *Eu*, *Isso* e *Sobre-Eu* ou *Instinct* para *Trieb* —, a principal crítica de B. Bettelheim recaía sobre a perda do humanismo da obra de S. Freud em favor da medicalização e pretensão cientificismo da *Standard Edition*. Sem dúvida, as críticas mostraram-se pertinentes e refletem o mal-estar provocado pelo deslocamento do sentido da obra de S. Freud. Como toda obra, as traduções inserem-se numa história que, neste caso, fez parte de um projeto de difusão da psicanálise no mundo e respondia, de alguma forma, embora traindo o texto de S. Freud, a este propósito. Mesmo antes da chegada ao poder dos nazistas em 1933, ainda com S. Freud em Viena, o eixo da organização institucional da psicanálise, deslocava-se em direção a Londres — depois aos Estados Unidos da América —, onde encontrou, sobretudo na figura, embora controversa, de Ernest Jones, um trabalhador incansável. Não devemos

esquecer que a iniciativa de tradução organizada por E. Jones foi precedida nos Estados Unidos pelas, essas sim desastrosas, traduções de A. A. Brill. Na linhagem dos *tradittori*, este último parece insuperável: basta dizer que na tradução da *Psicopatologia da Vida Cotidiana* trocou as piadas judias por histórias do Brooklyn.

A partir de 1923 começa o trabalho de tradução do grupo formado por James e Alix Strachey, além de Joan Rivière e John Rickman, amparados e dirigidos por Ernest Jones, biógrafo oficial de S. Freud e presidente da *I.P.A.*, em diferentes períodos, por mais de vinte anos. No que se refere aos tradutores uma dúvida persiste: porque uma equipe tão preparada intelectualmente — lembremos sua participação no grupo de *Bloomsbury* — faria um trabalho onde a dimensão humanista e estética do texto freudiano fosse substituída pela medicalização pseudocientífica? Sem dúvida, a influência de E. Jones foi decisiva; para ele, a tradução visava a outros objetivos: uniformizar a palavra de S. Freud dando-lhe respeitabilidade a partir da inclusão de raízes latinas e gregas trazidas da medicina. De alguma maneira, E. Jones acreditava que este seria

o caminho para a difusão da psicanálise. Não esqueçamos que mesmo enquanto biógrafo oficial, sempre defendeu — contra a opinião e vontade do próprio S. Freud — que a psicanálise deveria ser patrimônio do campo médico. Para E. Jones a tradução para o inglês deveria estar em sintonia com a internacionalização da psicanálise e com o tom demandado pela implantação nos Estados Unidos.

Sem dúvida, o conjunto da *Standard Edition* tem grandes problemas e conseqüências, mas também não podemos esquecer que se tratou de uma obra faraônica a partir da qual boa parte do pensamento freudiano pôde ser vertido numa língua de grande difusão. Pois bem, esse é o Freud dos anglófonos, mas é o nosso? Bem, o nosso Freud suporta, além do sentido dado à versão inglesa, uma outra tradução, no mínimo, descuidada ou como disse Sérgio Paulo Rouanet com mais ênfase, trata-se da “pior tradução de Freud jamais perpetrada”⁴.

Na década de oitenta, junto com a publicação do livro de B. Bettelheim vieram à luz na imprensa paulista numerosos artigos que, além de coincidir com as críticas feitas à versão inglesa, aproveitavam a ocasião para comentar a

tradução brasileira, podemos dizer, de segunda mão⁵; na medida em que se trata de uma tradução de uma tradução. Neste sentido, são paradigmáticas as críticas de Marilene Carone⁶ e mais tarde de Paulo César Souza que conseguiram rastrear, além dos problemas da versão inglesa, algumas pérolas da tradução do inglês para o português, como por exemplo: o tratamento padronizado que a versão brasileira conseguiu dar ao termo *insight*, sempre traduzido como *compreensão interna*. Por vontade própria os tradutores brasileiros fizeram da palavra *insight*, um conceito que não se encontra no texto em inglês de Freud e, muito menos, no original alemão⁷, enquanto conceito freudiano.

Nessa mesma época, em 1988, a mesma Editora Imago — detentora dos direitos da obra de Freud para o português — anunciava uma nova edição das obras completas, embora não especificando o tradutor, revisada pela Dra. Vera Ribeiro; ao respeito Paulo César Souza, após enumerar algumas de suas principais críticas afirma, “É certo que também devemos à revisora algumas inovações, em geral positivas, que já vinham sendo reclamadas: ‘atos falhos’ no lugar de ‘parapraxias’, ‘lapsos’,

‘recalcamento’, etc.” para depois dizer, “mas isso não basta para caracterizar a edição como nova. A velha, famigerada Standard foi apenas retocada, um verbo aqui, um adjetivo ali, numa nova embalagem.”⁸

Anos depois, em 1997, apareceu a primeira versão eletrônica, coordenada por Eduardo Salomão. Nessa edição, a novidade dizia respeito ao suporte eletrônico e a todas suas possibilidades e limites. Mas, o texto continuava sendo o mesmo que na edição anterior.

Dessa forma, chegamos a este novo lançamento anunciado acima. Creio que, pelo dito, o leitor compreenderá minha esperança ao pensar, num primeiro e fugaz instante que me encontrava ante uma nova tradução do texto de S. Freud para o português. Já na primeira página do livreto publicitário encontramos que nada mudou na política editorial dos detentores do direitos da obra de Freud em português. Nele encontramos um interessante argumento retórico de réplica: anuncia o problema para logo esgrimir a suposta crítica — que nunca foi feita nos termos simplistas colocados neste livreto — sem, no entanto, apresentar uma solução; assim viemos a saber que a editora “acompanha de perto as

polêmicas sobre a questão”, no entanto, sabemos, esse acompanhamento nunca foi seguido de uma autocrítica que derivasse numa nova proposta editorial. A autocrítica esgrimida é utilizada para, num mesmo movimento, acreditar aos supostos críticos, análises simplistas que nunca fizeram, “Certamente a presente edição das obras de FREUD contém inúmeros termos apresentados equivocadamente. Daí a dizer que a solução está em apenas substituir estes termos por palavras mais adequadas é de um simplismo gritante”. Na verdade, o simplismo gritante é afirmar que somente foram feitas críticas deste tipo à presente edição; o que faz duvidar sobre o tipo de acompanhamento anunciado. Mas, como veremos, a falta de preocupação pela qualidade da edição brasileira vai além: na verdade, quem tem a culpa é o retardo da Sociedade Britânica assim como o fato da Dra. Ilse Grubich-Simitis não ter acabado o volume crítico sobre a Standard Edition, “A própria Edição Standard de Strachey publicada pelo Instituto Britânico de Psicanálise suscitou e ainda suscita polêmicas. Em 1987 a Sociedade Britânica nomeou uma comissão para decidir o que fazer

com a Standard Edition. Esta comissão decidiu não retraduzir a obra completa, mas sim publicar um volume complementar”; mesmo assim, parece que as coisas não correram como previstas, “Dada a complexidade da tarefa, e apesar da enorme capacidade intelectual de membros desta sociedade envolvidos na tarefa e dos recursos postos à disposição, até hoje este volume não ficou pronto”. Mas, os argumentos não ficam por aí. O livreto continua, “A despeito de tudo que já foi mencionado, a Imago ainda não considera oportuno a apresentação de uma nova edição das obras de Freud. [...] Acreditamos que uma tradução que corrigisse apenas as palavras equivocadamente utilizadas, sem o amparo de um estudo profundo da edição crítica, seria leviana”. Acontece que grande parte da comunidade psicanalítica brasileira demanda não a troca de palavras equivocadas ou reparações de uma tradução de segunda mão. A maturidade do leitor e do freudismo brasileiro exige um trabalho à altura do movimento e de sua história: uma tradução direta do original que tente ser fiel ao texto de S. Freud. Então, porque a Imago insiste num servilismo intelectual atento às vicissitudes das publica-

ções inglesas? Finalizando o livreto, os argumentos são mais explícitos quando afirmam pateticamente que “[...] uma nova edição ainda não foi publicada por descaso ou desconsideração do público culto brasileiro, mas porque ainda não foi publicada a edição crítica em alemão, nem o volume crítico em inglês da edição Standard, sem as quais qualquer reformulação seria leviana”. Acaso foram levianas as editoras espanholas ou argentinas, para citar uma língua próxima, quando propuseram a seu público suas traduções diretas do original? A última edição em espanhol⁹, aparecida em 1978, é um exemplo de empreendimento editorial. Esse trabalho aproveita a forma e as notas críticas da edição inglesa e, ao mesmo tempo, traduz os textos a partir do original alemão. Além das notas sobre os critérios de tradução na abertura de cada volume, encontramos exemplo da seriedade dessa edição no volume¹⁰ dedicado, exclusivamente, a apresentar os critérios que orientaram a tradução.

Finalizando, sabemos que novas traduções, de Paulo César Souza, são publicadas com autorização dos detentores dos direitos desde 1994 na revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São

Paulo; inclusive que, de alguma forma, prepara-se o terreno para uma nova tradução.¹¹ Porém, pela história de nosso Freud, acreditamos que somente depois que a obra passe a domínio público é que teremos a oportunidade de conhecer uma, ou várias, edições brasileiras, traduzidas do original, para cotejar e discutir. Mas, para isto, deveremos aguardar...

Notas

1. FREUD, Sigmund. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works*. 24 vols. London: The Hogarth Press, 1953-74.
2. BETTELHEIM, Bruno. *Freud and Man's Soul*. London: Penguin, 1998.
3. Cf. BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix, 1988, p. 86. Tradução de Álvaro Cabral.
4. SOUZA, Paulo César (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.178.
5. Estes artigos encontram-se reunidos sob o título de *A edição brasileira de Freud* em SOUZA, Paulo César (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989, pp. 155-190.
6. Falecida repentinamente em 1987, "Dizia-se que ela estava traduzindo

novamente as obras do mestre, para serem publicadas pela Brasiliense a partir de 1989, quando — segundo acreditavam ela e o editor Caio Graco — Freud passaria ao domínio público." (Souza, 1989, p.189).

7. Ver sobre esta questão o excelente ensaio "Freud em português: ideologia de uma tradução" in: SOUZA, Paulo César (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989, pp. 166-176.

8. *Ibidem*. p.190.

9. FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 24 vol., 3° reimpressão, 1996. Tradção de José Luis Etcheverry.

10. *Presentación: Sobre la versión castellana* In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 24 vol., 3° reimpressão, 1996. Tradução de José Luis Etcheverry.

11. No livro, SOUZA, Paulo César. *As palavras de Freud*. São Paulo: Ática, 1998, o autor pretende assinalar a terminologia específica empregada por Freud para, desta forma, diferenciá-la das contribuições posteriores.

Referências Bibliográficas

BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix,

1988. Tradução de Álvaro Cabral.

JONES, Ernest. *A Vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 3 vol. 1989. Tradução de Julio Castañon Guimarães.

RODRIGUÉ, Emilio. *O século da*

psicanálise. 1895-1995. São Paulo: Escuta, 3 vols. 1995.

SOUZA, Paulo César (org.). *Sigmund Freud e o gabinete do dr. Lacan*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Rafael Villari

Elizabeth Bishop Poemas do Brasil, seleção, introdução e tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 192 pp.

Depois de ter traduzido duas obras importantíssimas da poeta norte-americana Elizabeth Bishop – *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop* (1995) e *Esforços do afeto e outras histórias* (1996), ambas publicadas pela Companhia das Letras – Paulo Henriques Britto nos oferece uma primorosa coletânea de poemas de Bishop que registram a presença do Brasil em sua poesia. O livro abre com uma introdução detalhada examinando a trajetória dessa presença em quase três décadas, da “descoberta” em 1951, recriada no poema “Chegada em Santos”, à “perda” quando, de volta aos Estados Unidos nos anos

70, Bishop conclui seus últimos poemas de Brasil, “Pink Dog” e “Santarém”.

Desse longo e complexo viver não só “no” Brasil, mas “com” o Brasil, até mesmo depois de deixá-lo, Britto nos fala dos sentimentos contraditórios – “apeço, afeto” e “irritação” – manifestos em vários escritos de Bishop sobre o país em diferentes etapas desse convívio. A amostra é significativa, revelando Bishop como observadora minuciosa e sensível, espirituosa e mordaz do Brasil e da gente brasileira. Merecem destaque nessa amostra a grande admiração de Bishop pela cultura popular brasileira – o carnaval, as marchinhas (algumas das quais chegou a traduzir), a literatura de cordel – e a relação da poeta com a literatura brasileira